

Bruno Tolentino - *O mundo como idéia.*

São Paulo: Globo, 2002.

Ermelinda Ferreira

Canto o que amo e amo o que é mortal.

A luz que se debate ao horizonte,

a frágil mariposa cor de fonte

que é todo o nosso bem e imita um mal,

nossa doce enfermeira terminal

empalidece, cai por trás de um monte,

e a mente sem demora baixa a ponte

e faz entrar a luz conceitual.

Canto para contar daquele instante

quando o que mais amamos chega ao fim

um belo simulacro delirante

usurpa-lhe o lugar; quando é assim

que a arte desfaz da luz agonizante,

convence a muitos, não comove a mim.

Bruno Tolentino, *O mundo como idéia*

“Hlör u fang axaxaxas mlö”, cuja tradução para o inglês seria “Upward, behind the mainstreaming, it mooned”, é uma frase escrita no curioso idioma de Tlön, um mundo inventado por uma sociedade secreta de astrônomos, biólogos, engenheiros, metafísicos, poetas, químicos, algebristas, moralistas, pintores, geômetras, dirigidos por um obscuro homem de gênio, capaz de subornar a invenção a um rigoroso plano sistemático. Os hipotéticos habitantes de Tlön acreditam que o mundo não é um concurso de objetos no espaço, mas uma série heterogênea de atos independentes. É sucessivo, fugaz, temporal. Por isso não há substantivos na conjuntural *Ursprache* de Tlön, há verbos impessoais, conjugados por sufixos ou prefixos de valor adverbial. A exemplo da frase acima, para explicar que “a lua surgiu sobre o rio”, o tlöniano precisaria dizer algo que soaria como “para cima atrás duradouro-fluir lualuziu”, pelo menos na tradução que Carlos Nejar fez para o português do conto de Jorge Luis Borges, “Tlön,

Uqbar, Orbis Tertius”, no qual o escritor argentino, travestindo-se de um “cego ao sol a pino do conceito”, elabora, num de seus famosos ensaios-ficção, uma teoria contra o Espírito da Teoria, um sistema contra o Espírito do Sistema.

No mundo de Tlön, os argumentos não admitem a menor réplica, embora não produzam a menor convicção. Os argumentos teatralizam a Idéia, que neste caso existe apenas para se contradizer enquanto tal. Cria-se um mundo ilusório – conquanto legível e compreensível – para nele mergulhar-se como um outro cego, parente daquele a quem recorre João Guimarães Rosa para definir a metafísica, atribuindo tal definição a Voltaire, no primeiro prefácio de *Tutaméia*: “É um cego, com olhos vendados, num quarto escuro, procurando um gato preto... que não está lá.” E faz a ressalva: “Seja quem seja, apenas o autor da blague não imaginou é que o cego em tão pretas condições pode não achar o gato, que pensa que busca, mas topar resultado mais importante – para lá da tateada concentração. E vê-se que nessa risca é que devem adiantar os koan do Zen.”

Para o leitor comum, mergulhar n’O *mundo como idéia*, de Bruno Tolentino - livro detentor do prêmio Jabuti e do prêmio Ermírio de Moraes -, apresentado pelo editor como “obra tão mais solitária em nossas letras quanto à amplitude do sopro lírico corresponde a substantiva coerência intelectual de um autor aparentado à estirpe dos poetas-pensadores”, é como experimentar essa vertigem do cego da anedota Voltaire-Rosiana.

Coletânea de poemas pensados ao longo de quatro décadas, de 1959 a 1999, *O mundo como idéia* abre-se com um longo e erudito *post-scriptum* apresentado à guisa de prefácio, onde se lê:

Nas páginas que se seguem conto da gênese (súbita) e da evolução (vagarosa) de um livro que, concebido nos conúbios da adolescência com a paranóia, acabaria por nascer e crescer fadado a servir de arrimo de família a toda a minha obra. Compondo-o, decompondo-o e recompondo-o ao fio dos anos, busquei entender como e por que tudo quanto se proponha traduzir o mundo – o mundo-como-tal, a opacidade, os dados brutos do real – numa exatidão de teorema termina por conceitualizá-lo até o desfiguramento, esvaziando-o de todo sentido para situá-lo além dos cinco sentidos, no Xangrilá da abstração: em lugar das asperezas do real, uma exata, executória (e ilusória) equação.

Livro que emoldura de barroquíssimas volutas e sombras a retilínia e clara pintura Renascentista, *O mundo como idéia* divide-se, portanto, em duas partes, cuja ambigüidade é responsável por aquela sensação que acomete o leitor de ter entrado no olho de um furacão, no vértice de uma espiral ou no Laço de Moebius: a primeira, uma longa e irremediável exegese em prosa sobre a libertação da poesia das garras do conceito; e a segunda, um longo exercício de tradução poética do próprio conceito que engendra e aprisiona a poesia em suas garras. Posto no meio desse estranho labirinto onde palavras e imagens se embatem em supostas lições de trevas e imitações da música, o leitor assiste ao espetáculo de uma “substantiva coerência intelectual” encarnada na figura de um poeta que se diz mover-se de costas, de espelho em punho, evitando olhar para a Medusa da Idéia que ameaça petrificar “a amplitude do sopro lírico”, apenas para vê-lo reconhecer, a cada passo, em si mesmo, a própria face da Górgona.

Ao *Mundo como idéia* senti-me tentada a contrapor o Mundo como Tlön, o Mundo como Verbo, como era no princípio, agora e sempre. Mas só poderia fazer isso ignorando o fato de que o seu criador também o teria concebido como mais uma idéia de mundo, existente apenas nas páginas de uma fantástica enciclopédia da imaginação. “Hlör u fang axaxaxas mlö”..., luz fria e lunar que se debate ao horizonte, como a mariposa cor de fonte, que é todo o nosso bem e imita um mal. O próprio poeta também considerou essa possibilidade, para, no entanto, afastá-la:

Suponha-se a Medusa redimida,
 uma anti-Medusa que acordasse
 em seu poço de estátuas face a face
 com a escuridão de pedra e, arrependida,
 saudosa agora do fugaz, da vida,
 de tudo o que exilou, enfim tentasse
 um novo olhar, o olhar da despedida,
 por exemplo, o olhar do desenlace,
 da resignação... Pobre coitada!
 Como trazer de volta agora aquela

Doce fragilidade dantes, se ela
 já mal recorda a ânsia, o quase-nada,
 o brilho que era o ser? A madrugada
 não volta a um calabouço sem janela.

Se não há saída no quarto escuro onde o cego de olhos vendados continua buscando o gato preto que não está lá, se só nos resta interrogar, com o poeta, “para que os olhares profundos, quando é o cego nu no porão da Górgona quem sozinho decide o que seja a realidade a caber no casarão vazio?”, ainda resta, no entanto, a emoção de quem se depara com uma dessas raríssimas cópias do Livro como Mundo, das quais *O mundo como idéia*, de Bruno Tolentino, é um belíssimo exemplo (ou exemplar). Nele relemos, ainda uma vez, a idéia contida no oitavo livro da *Odisséia* (a de que os deuses tecem desgraças para que às futuras gerações não lhes falte o que cantar), e na declaração de Mallarmé, quando afirma que “o mundo existe para chegar a um livro”. Para descrevê-la (à emoção) recorro ainda uma vez a Borges, que relata o seu encontro com “A Primeira Enciclopédia de Tlön”:

Pus-me a folheá-la e senti uma ligeira vertigem de assombro que não descreverei, porque esta não é a história das minhas emoções, mas de Uqbar e Tlön e Orbis Tertius. Numa noite do Islã, que se chama a “Noite das Noites”, abrem-se de par em par as secretas portas do céu e é mais doce a água nos cântaros. Se essas portas se abrissem, não sentiria o que senti naquela tarde...